



# O Navio Negreiro

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# O navio negreiro (Tragédia no mar)

Castro Alves



**Reliquia**

Direitos desta edição reservados à Reliquia Digital Ltda.

CAPA  
*Reliquia*

CONVERSÃO PARA E-BOOK  
*Reliquia*

---

Arquivo baixado do <http://livrosdoexilado.org/>

---

I

(...)

POR QUE FOGES ASSIM, barcoligeiro?  
Por que foges do pávido poeta?  
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira  
que semelha nomar — doído cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,  
tu que dormes das nuvens entre as gazas,  
sacode as penas, Leviatã do espaço  
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,  
dónde é filho, qual seu lar?  
Ama a cadência do verso  
que lhe ensina o velho mar!  
Cantai! que a morte é divina!  
Resvala o brigue à bolina  
como o golfinho veloz  
Preso ao mastro da mezena  
saudosamente acena  
às vagas que deixa após.

Do espaço as cantilenas,  
requebradas de langor,

lembram as moças morenas,  
as andaluzas em flor!  
Da Itália o filho indolente  
canta Veneza dormemente  
— terra de amor e traição, —  
cu doglfo no regaço  
relembra os versos de Tasso,  
junto às lavas do vulcão

O inglês — marinheiro frio,  
que ao nascer no mar se achou  
(porque a Inglaterra é um navio  
que Deus na Mancha ancorou), —  
rijo entre as pátrias glórias,  
lembrando orgulhos, histórias  
de Nelson e de Aboukir...  
O francês — predestinado —  
canta os louros do passado  
e os loureiros do porvir!

Os marinheiros helenos,  
que a vaga iônica criou,  
belos piratas morenos  
domar que Ulisses cortou,  
homens que Fídias talhara,  
vão cantando em noite clara  
versos que Homero gemeu...  
Nautas de todas as plagas,  
vós sabeis achar nas vagas  
as melodias do céu!...

### III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
Desce mais... ainda mais... não pode d'har humano  
como teu mergulhar no brigue voador!  
Mas que vejo eu aí?... Que quadro d'amarguras!  
É canto funeral!... Que téticas figuras!...  
Que cena infame e vil!... Meu Deus!... meu Deus! Que  
horror!

#### IV

Era um sonhodantesco.. O tombadilho  
que das luzernas avermelha o brilho,  
em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas  
magras crianças, cujas bocas pretas  
rega o sangue das mães;  
outras moças, mas nuas e espantadas,  
noturbilhão de espectros arrastadas,  
em ânsia e mágoa vão!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da onda fantástica a serpente  
faz deidas espirais...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E vão mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,  
a multidão faminta cambaleia,  
e chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
outro, que de martírios embrutece,  
cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra  
e após, fitando o céu que se desdobra  
tão puro sobre o mar,  
diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
"Vibrai ri jo chicote, marinheiros!  
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da roda fantástica a serpente

faz de das espirais...  
Qual num sonho das trevas e das sombras vãs!...  
Gritos, ais, maldições, preces ressam!  
E ri-se Satanás!...

## V

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
se é loucura... se é verdade  
tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
cô a esponja de tuas vagas  
de teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão

Quem são estes desgraçados  
que não encontram em vós  
mais que orir calma turba  
que excita a fúria do algaz?  
Quem são? Se a estrela se cala,  
se a vaga à pressa resvala  
como um cúmplice fugaz,  
perante a noite confusa...  
dizei-o tu, severa Musa.  
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,  
onde a terra esposa a luz,  
onde vive em campo aberto  
a tribo dos homens nus...  
São os guerreiros ousados  
que com os tigres mosqueados  
combatem na solidão  
Ontem simples, fortes, bravos...  
Hoje míseros escravos,  
sem luz, sem ar, sem razão..



São mulheres desgraçadas,  
como Agar ofói também,  
que sedentas, alquebradas,  
de longe... bem longe vêm...  
trazendo, com tíbios passos,  
filhos e algemas nos braços,  
n'alma — lágrimas e fel...  
como Agar sofrendo tanto  
que nem oleite do pranto  
tem que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,  
das palmeiras nopais,  
nasceram — crianças lindas,  
viveram — moças gentis...  
Passa um dia a caravana,  
quando a virgem na cabana  
cisma da noite nos véus...  
(...) Adeus, ó choça do monte!  
(...) Adeus, palmeiras da fonte!  
(...) Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...  
Depois, o oceano de pó  
Depois, no horizonte imenso,  
desertos... desertos só...  
E a fome, o cansaço, a sede...  
Ai! quanto infeliz que cede  
e cai para não mais s'erguer!...  
Vaga um lugar na cadeia,  
mas o chagal sobre a areia  
acha um corpo que ror.

Ontem a Serra Leca,  
a guerra, a caça ao leão,  
o sono dormido à toa  
sob as tendas d'amplidão  
Hoje... o porão negro, fundo,  
infeto, apertado, imundo,  
tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado

pelo arranco de um finado  
e o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
a vontade por poder...  
Hoje... cum'lo de maldade,  
nem são livres pra morrer...  
Prende-os a mesma corrente  
— férrea, lúgubre serpente —  
nas roscas da escravidão  
E assim, zombando da morte,  
dança a lúgubre coorte  
ao som do açoite... Irrisãd...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dixei-me vós, Senhor Deus,  
se eu deliro... ou se é verdade  
tanto horror perante os céus?...  
Ó mar, porque não apagas  
cô a esponja de tuas vagas  
do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufãd...

## VI

Existe um povo que a bandeira empresta  
pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio, Musa... chora, e chora tanto  
que o pavilhão se lave no teu prantãd...

Auriverde pendão de minha terra,  
que a brisa do Brasil beija e balança,  
estandarte que a luz dos d' encerra  
e as promessas divinas da esperança...

Tu, que da liberdade após a guerra,  
foste hasteado dos heróis na lança,  
antes te houvessem roto na batalha,  
que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
o trilho que Colombo abriu nas vagas,  
como um íris no pélagos profundo  
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga  
levantai-vos, heróis do Novo Mundo  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

São Paulo, 1868